



Avença

Órgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria

10 de Abril de 1955

Proprietário: *Dr. Ernesto Lacerda*

Director e Editor: *Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado*

Chefe da Redacção: *Prof. A. Paula Santos*

ANO III

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL - FIGUEIRÓ DOS VINHOS - TELEFONE 7

N.º 55

Revisão do Plano de Fomento Nacional

COMO se sabe, o Governo apresentou em 1952 na Assembleia Nacional, no prosseguimento da sua política de bem servir e engrandecer o País, um Plano de Fomento para ser executado no período de seis anos, 1953-1958, no qual se previa o dispêndio de 13 milhões e meio de contos.

Este Plano, pelo profundo programa de realizações que encerra, pela soma de trabalho e energias que exige, e pelo volume de recursos que absorve, suscitou o maior interesse da Nação e foi objecto de largo debate que prestigiou aquela Assembleia.

Trata-se de uma Acção Governativa de grande envergadura, destinada a dar satisfação aos prementes e legítimos anseios de prosperidade, de modo a valorizar a Economia Nacional e a conseguir a melhoria do nível de vida e do bem-estar económico e social dos portugueses.

Pode dizer-se que o Plano foi recebido com entusiasmo pelo País, que nele viu, mais uma vez, confirmados de forma irrefutável, os benéficos resultados da patriótica política de saneamento e equilíbrio financeiro, que foi a primeira e grande tarefa de Salazar.

Foi esta política que tornou possível o ressurgimento nacional e, com ele, a apresentação do vasto programa de trabalhos que o plano engloba, e que está verdadeiramente à altura das complexas e grandiosas missões que se impõem aos Estados modernos.

Passados já dois anos da execução do Plano de Fomento, o Governo enviou há poucos dias à Assembleia Nacional uma proposta destinada à sua revisão, abrangendo os quatro anos que restam.

Na proposta salienta-se, justamente, que a execução do Plano foi satisfatória nos dois anos já decorridos e que, dum modo geral, se confirmaram as previsões, quer quanto aos trabalhos, quer quanto aos recursos financeiros que exigiram, tudo fazendo crer a sua completa execução.

A revisão recomenda-se e torna-se necessária, não porque escasseiem as disponibilidades, ou se pretenda diminuir o ritmo de realizações, mas antes para se aproveitar a experiência já colhida.

Assim, a Nação que recebeu com alvoroço e com fé o Plano de Fomento, recebe com iguais sentimentos a proposta da revisão, porque ela revela que o Governo está sempre atento aos grandes problemas nacionais.

A proposta, agora apresentada, constitui mais um motivo de orgulho para os portugueses, porque, além do avultado dispêndio previsto, no Plano, mostra que, graças à criteriosa administração das receitas públicas, será possível investir novos e avultados capitais para fazer face, não apenas à insuficiência de algumas dotações, mas à conveniência na ampliação de obras e a novos empreendimentos que completam os que foram previstos, tudo em ordem ao maior rendimento económico, e, portanto, ao superior objectivo do engrandecimento do País e do bem-estar dos portugueses.

J. ALVES MORGADO

Centenário de Malhoa

No passado dia 27 de Março, estiveram nesta vila os Srs. Drs. Fernando de Araújo Lacerda e Jorge Godinho Ferreira, nossos ilustres conterrâneos e amigos, o distinto jornalista Sr. Alfredo Marques do «Diário Popular», e o notável, Escultor, Sr. António Duarte.

Esta visita relaciona-se com as projectadas comemorações do «Centenário de Malhoa», de cuja Comissão os três primeiros fazem parte, e teve por fim a escolha do local onde deverá ser erguido o busto do grande Mestre da Pintura.

Melhoramentos em Aldeia de Ana de Avis

Recentemente, foi esta ridente aldeia visitada pelo Presidente da Câmara do nosso concelho, Sr. Dr. Alves Morgado, que, acompanhado do Vereador, Sr. Juvenal Mendes, e dos Srs. Francisco Rodrigues Ferreira e Aníbal Silveira Herdade, naturais daquela povoação e grandes entusiastas no seu progresso, se inteirou das obras relativas ao alargamento e calçamento das principais ruas.

Os visitantes foram acompanhados por muitos habitantes e estiveram, também, no local onde vai ser erguida a nova Capela.

Em resultado desta visita, os referidos trabalhos — que têm, também, o valioso contributo da população — vão iniciar-se dentro de breve prazo.

Eng.º Director dos Serviços de Urbanização

Em visita às obras da Avenida Salazar e para apreciação do plano de trabalhos de parte da rede de saneamento, esteve nesta vila no dia 4 do corrente o Sr. Eng.º Egas Monteiro de Barros, distinto Director dos Serviços de Urbanização do Distrito.

Abastecimento de água

Os Srs. Eng.ºs Machado Gomes e Coutinho, da Direcção de Salubridade, visitaram Figueiró no dia 2 último, apreciando os serviços de abastecimento de águas, em especial os respeitantes à estação elevatória.

ESCOLA SECUNDÁRIA

Pelas catorze horas e meia do dia 15 do corrente, perante a Câmara, realizou-se o concurso público para adjudicação do fornecimento do mobiliário destinado à Escola Secundária Municipal.

A base de licitação é de 240 contos e o depósito provisório de 6.

Dr. José Augusto Férrer Antunes

Acompanhado da esposa e gentis filhinhos, está entre nós e em casa de seu sogro e nosso querido amigo, Sr. Tenente Carlos Rodrigues, o ilustre Professor Metodólogo do Liceu D. João III e nosso prezado amigo, Sr. Dr. José Augusto Férrer Antunes.

Cumprimentamo-lo, muito afectuosamente.

Eng.º Caetano Nunes

A passar a quadra festiva da Páscoa com sua família, está em Figueiró o nosso querido amigo e distinto Eng.º Agrónomo de Lisboa, Sr. Armando Caetano Nunes, acompanhado pela esposa e filhinho.

Eng.º NUNO LACERDA TEIXEIRA

Tivemos o prazer de cumprimentar o nosso querido amigo e conterrâneo, Sr. Eng.º Nuno Lacerda Teixeira, destacado valor da nova geração, que regressou a Figueiró depois de terminar o cumprimento do serviço militar em Vila Real, como Oficial miliciano.

ÂNGELO DAVID E SILVA

Este nosso querido amigo, considerado sócio da firma local «F. R. Ferreira, L.da» e proprietário da «Fábrica de Pão-de-Ló de Santo António dos Milagres», desde há cerca de quinze dias que está sendo submetido a rigoroso tratamento, em Coimbra.

Muito nos penalizou a notícia da sua doença, revelada naquela cidade quando ali se encontrava no desempenho da sua actividade comercial, pelo que lhe protestamos os nossos mais sinceros votos de rápidas melhoras, o que todos os seus numerosos amigos aguardam com ansiedade.

Campanha Nacional de Educação de Adultos

Leccionação de adultos em regime de Campanha

Previnem-se os agentes de ensino e quaisquer outras pessoas que estejam ou venham a leccionar adultos em regime de Campanha de que:

— Constitui condição imprescindível de habilitação às regalias previstas no art.º 118.º do Decreto n.º 38 968, de 27-10-952, a inscrição prévia, nos trinta dias imediatos ao início da leccionação, dos indivíduos apresentados a exame. De futuro, não será autorizado, em caso algum, o pagamento de gratificações ou o aumento de valorização a quem não houver cumprido esse preceito legal, qualquer que seja o motivo alegado para justificar a falta.

— As inscrições efectuadas até esta data, quer na primeira fase da Campanha, terminada em 31 de Dezembro de 1954, quer já no decurso do ano de 1955, relativas aos indivíduos que estejam ainda a ser leccionados, têm de ser renovadas até ao dia 30 de Abril corrente, nos distritos do Continente e no Funchal, e até 15 de Maio seguinte nos distritos dos Açores. Expirando este prazo, considerar-se-ão caducas todas as inscrições que não houverem sido renovadas.

— Para efeito de novas inscrições ou renovação das já existentes, deverão os interessados dirigir-se às Direcções dos Distritos Escolares ou às suas Delegações e Secretarias de zona que lhes fornecerão, gratuitamente, os impressos adequados e prestarão todos os esclarecimentos necessários ao seu preenchimento.

Páscoa

Aleluia! Aleluia! Entoa o sino
No repicar festivo deste dia,
Secou-se o mar de sangue da agonia,
Jesus voltou ao Reino do Divino!

Seguiu na Terra o seu cruel destino
E recebeu dos homens — que servia —
A morte em paga ao Bem que Ele aspergia
Em cânticos de amor, na fé dum hino.

Tal como então, o Mundo do presente
Não sabe, ainda, distinguir o trigo
Do joio que há na vida, em tanta gente...

Não pensa em nada e desconhece o p'riço
De se arrastar, brutal e eternamente,
Alheio a tudo, até ao seu castigo.

ANTÓNIO FERNANDO

Castanheira de Pêra

Esta encantadora terra vai ter duas canções na Rádio

Castanheira de Pêra, a linda vila industrial que tantas belezas possui, além dos recantos encantadores talhados pela mão do homem, há muito que necessitava ser propagandeada musicalmente.

Chegou agora o momento! Assim, dentro de dois meses, serão lançadas na Rádio, por intermédio da Emissora Nacional, duas canções: a *Marcha* e o *Vira de Castanheira de Pêra*, musicadas por António Pedro, compositor consagrado de vários êxitos, entre os quais se conta «*Voltinhas do Marão*», sobre letras de Luís Kalidás Barreto.

Estas canções serão interpretadas por Maria Fernanda Soares (*marcha*) e Margarida Amaral (*vira*). Eis as letras:

Marcha de Castanheira de Pêra

Cá vem a marcha a sorrir, a cantar,
de braço dado cada um traz o seu par
e vem risonha, gentil, festival
quando ela passa todos lançam um madrigal.

Eis a alegria da gente serrana
que nesse dia no mesmo cantar s'irma,na,
é a Castanheira toda alegre e prazenteira
que sempre jovem veio saltar a fogueira.

Refrain

Rapazes agora é folgar
sorrir, bailar.
Estralejam foguetes no ar
sem querer parar.
Há sonhos, promessas sem par
no olhar das raparigas.
O' moças agora é bailar
esta marcha tão linda
que vamos cantar.

Ai quantas vezes saltando a fogueira
ó moças belas do jardim qu' é Castanheira,
está d'olho à espreita, maroto o amor
portanto olhai e saltai com temor.

Há um perfume a alcachofra, a alecrim
à custa deles quantas vezes há um sim
suspiram moças e sorriem os rapazes
sabe-se lá de quant' é que são capazes.

Refrain

Rapazes agora é folgar
etc. etc.

Vira de Castanheira de Pêra

Se queres vir à Castanheira
sobe a serra da Lousã
e vê esta gente boa
a trabalhar com afã.
Sobe, sobe meu amigo
anda ver o seu jardim
e verás se é como eu digo
o seu encanto sem fim.

Refrain

Águas do Pinçal
que boas que são
porém fazem mal
cá ao coração
porque diz a lenda
que é verdadeira
quem bebe lá água
casa em Castanheira.

O Santo António da Neve
mai-lo S. João da Mata
recordações que não esquecem
desta terra qu' é tão grata.
A poética ribeira
não esquece o seu ofício
e leva o seu caudal
à indústria de lanifícios.

Refrain

Águas do Pinçal
etc. etc.

Ramal de Pelome ao Vilar

A propósito duma notícia publicada no n.º 711 do Jornal «*O Castanheirense*», o nosso prezado amigo e assinante, Sr. Gustavo Coelho Godet, procurou-nos para informar de que, na parte respeitante à construção do ramal do sítio de *Pelome ao Vilar*, faltava o esclarecimento das importâncias com que contribuiria para tal melhoramento, bem como das cedências gratuitas de terrenos que ele e os Srs. Adrião Coelho Novais, Joaquim Nunes de Novais, Florindo Nunes de Novais e as Srs. DD. Maria da Conceição Alexandre e Fernanda Alexandre Bebiano fizeram à Câmara de Castanheira de Pêra, há anos.

Mais nos informou ter contribuído com a verba de 12 contos, conforme guias de receita eventual daquela Câmara n.ºs 212, de 11 de Março de 1947, no valor de 7 contos, e 463, de 2 de Dezembro de 1952, no valor de 5 contos.

Quanto ao terreno cedido por si (destinado à fonte do Largo, no Vilar), atribuiu-lhe o valor de 5 contos.

Satisfazendo o que nos foi pedido pelo Sr. Godet, aqui lhe consignamos, também, o nosso apreço pelas suas qualidades de trabalho e bairrismo que, constantemente, nos vai evidenciando.

PARA ÁFRICA

Em companhia do nosso estimado amigo e assinante, Sr. Alberto Quaresma Ascensão, que regressou a Luanda — Angola, no dia 30 do mês findo, a bordo do paquete «*Uige*», como noticiámos no número anterior, seguiram para aquela cidade os filhos dos nossos prezados amigos e assinantes de Moninhos Fundeiros, Srs. Mateus António e Manuel Dias Marques, respectivamente Albino do Carmo António e Manuel da Silva Dias, com as idades de 14 e 12 anos.

O primeiro foi para junto do nosso estimado amigo e assinante, Sr. Manuel Lopes Assunção; o segundo para junto do também nosso prezado amigo e assinante, Sr. Artur Simões Lopes.

A sua partida, em Lisboa, estiveram presentes seus pais e mães, Srs. DD. Maria do Carmo e Júlia Lopes, respectivamente.

Os nossos votos das maiores felicidades.

ANEDOTA DA QUINZENA

Há dois ou três dias, entram três estrangeiros no «*Café Cardoso*», cá do burgo.

O melhor que lhes foi possível, lá conseguiram fazer-se entender pelo Sr. Alves quanto ao que desejavam. Mas este, embora tivesse ficado a saber que pretendiam cerveja, não se deu por satisfeito e resolveu investigar das nacionalidades dos clientes.

Então, ao balcão e falando para um cliente dos que «*tomam de pé*», ia dizendo:

— *O do casaco cinzento é francês; o de cabelo ruivo é inglês; e o terceiro é russo.*

Oh, homem, como é que você adivinhou isso?!

Muito facilmente!... Ia uma mosca em cada garrafa; o francês deixou togo fora o copo da cerveja e a mosca. O inglês tirou a mosca e bebeu a cerveja...

— E o russo?
Esse engoliu a cerveja e a mosca!

Dimensões das correspondências postais

A partir do dia 1 de Julho, não poderão transitar pelo correio correspondências postais de forma rectangular cujas dimensões sejam inferiores a 10x7 centímetros.

Esta restrição, consignada na Convenção Postal Universal, aplica-se tanto ao serviço nacional como ao serviço internacional.

Anunciar em
«*O NORTE DO DISTRITO*»,
é fazer chegar o nome dos produtos de V. Ex.ª a todo o Mundo.

Casa de Pedrógão Grande

Resumo dos assuntos tratados na reunião da Comissão Executiva, em 23 de Março último

Aberta a sessão, foi lida e aprovada a acta anterior, entrando-se imediatamente na ordem dos trabalhos.

Foi recebida correspondência do Sr. Fernando Henriques, digníssimo 1.º Secretário, assim como do Sr. José Alves, digníssimo Vogal desta Direcção, os quais pedem demissão dos cargos que exerciam, por motivo de doença. Ficou resolvido o Presidente da Comissão Executiva tratar dos assuntos junto dos próprios.

— Recebeu-se um officio do Comandante da G. N. R. de Pedrógão Grande, Sr. Alberto Almeida Ribeiro, a agradecer a resolução que a Direcção tomou de dar andamento à ideia de oferta duma máquina de escrever ao Posto do seu comando, ideia que foi manifestada por alguns conterrâneos de Pedrógão Grande.

— Foi, também, recebida uma carta do Sr. António Carvalho David Martins, enviando a importância de 500\$00, para ajuda da compra da máquina, para oferecer ao Posto da G. N. R. de Pedrógão. A importância referida foi subscrita pelos seguintes Srs.: José Henriques, 200\$00, António C. Martins 100\$00, Manuel S. Pereira 100\$00 e António L. Roldão 100\$00.

— A *Casa do Concelho de Pampilhosa da Serra* teve a gentileza de enviar a lista dos *Corpos Gerentes* desta colectividade,

Manuel Nunes Junior

De visita aos seus, encontra-se a passar uma temporada em Alge — Campelo o nosso estimado amigo e assinante, Sr. Manuel Nunes Junior, há anos residente nos Estados Unidos da América do Norte, que se faz acompanhar da esposa.

Os nossos cumprimentos de boas vindas.

Tribunal Municipal de Alvaiázere

Por despacho publicado no «*Diário do Governo*» de 6 do corrente, foi nomeado o Sr. Fernando António Pereira para desempenhar as funções de Oficial de diligências neste Tribunal.

Casa do Povo de Figueiró dos Vinhos POSTO MÉDICO

Movimento no mês de Fevereiro de 1955	Adultos		Menores de 18 anos		Total
	Hom.	Mulh.	Masc.	Fem.	
Consultas na sede	83	58	36	19	196
» no consultório	23	9	2	4	38
Visitas domiciliárias	1				1
Tratamentos	79	45	20	6	150
Injecções	269	138	117	61	585
Operações de pequena cirurgia	1				1
Vacinas	2				2
Análises de sangue	2		1		3

para o corrente ano, assim como um Cartão de Livre Entrada. Ficou deliberado retribuir-se de igual maneira e agradecer a deferência tida para com a nossa Casa.

— O sócio n.º 296, Sr. Manuel Simões Pais, escreveu, também, a pedir a suspensão do pagamento das suas cotas a partir de Abril corrente, em virtude de ir prestar serviço militar, o que mereceu deferimento.

Manuel Gonçalves de Mesquita

Inesperadamente, faleceu nesta vila, no passado dia 3 do corrente, o Sr. Manuel Gonçalves de Mesquita, de 63 anos de idade, que era casado com a Sr.ª D. Deolinda Fernandes de Mesquita e exerceu, durante largos anos, a sua actividade comercial e industrial em Figueiró dos Vinhos.

Mercê das suas qualidades, era pessoa que desfrutava das gerais simpatias da população, tendo sido muito sentida a sua morte.

Era pai da Sr.ª D. Fernanda de Mesquita Campos, casada com o nosso amigo e proprietário do estabelecimento local «*Casa de Santo António*», Sr. João David Campos, e do Sr. Ricardo Fernandes Mesquita, comerciante em Vila João Belo — Moçambique; irmão das Srs. DD. Rosa, Maria, Elisa e Adelina Gonçalves de Mesquita e dos Srs. Hígino e Júlio Gonçalves de Mesquita, nossos estimados amigos e considerados industriais; cunhado das Srs. DD. Helena Couceiro Pires Mesquita e Maria Augusta da Conceição Mesquita e dos Srs. José Coelho e Joaquim Morgado; e tio das Srs. DD. Silvina Pires Mesquita, casada com o Professor, Sr. José Albano Henriques Rosa, e Adília Pires Mesquita, filhas de seu irmão Júlio, e dos Meninos Afonso e Maria da Conceição Mesquita, filhos de seu irmão Hígino.

O funeral, realizado no dia seguinte para o cemitério da vila, reuniu centenas de pessoas de todas as condições sociais que, assim, quiseram prestar a derradeira homenagem ao saudoso extinto, que contávamos no número dos nossos bons amigos.

A toda a família enlutada, «*O Norte do Distrito*» apresenta sentidos pésames.

D. Emilia de Jesus Paquete

Em Aldeia de Ana de Avis, de onde era natural, faleceu, no dia 4 do corrente mês, a Sr.ª D. Emilia de Jesus Paquete, de 77 anos de idade e que era casada com o nosso amigo, Sr. Francisco Ferreira Simões.

Era mãe extremosa dos Srs. Manuel e Florindo Simões Ferreira, moradores naquela povoação, e António Simões Ferreira, residente em S. Paulo — Brasil, nossos estimados amigos.

O funeral constituiu sentida manifestação de pesar e realizou-se para o cemitério desta vila, no dia imediato.

As nossas condolências à família enlutada.

PÃO-DE-LÓ
DE
Figueiró dos Vinhos
A melhor e mais apreciada especialidade regional
é um produto da
FÁBRICA DE SANTO ANTÓNIO DOS MILAGRES
de que é proprietário
ÂNGELO DAVID E SILVA
Telefone 50

PASSAGENS PARA ÁFRICA
Para todos os portos das Províncias de Angola
e Moçambique em 1.^a, 2.^a e 3.^a classes
Embarque imediato com e sem carta de chamada
Para Venezuela, Brasil e América do Norte, em 1.^a, 2.^a e 3.^a e Avião
Ao preço das Companhias
Passaportes ordinários — Vistos Consulares
Não se tratam assuntos de emigração
Tratar com a Agência de Viagens
JAIME PAULO
Telef. 4 ANADIA

É sempre bem servido quem entrega o seu carro aos cuidados da
Auto-Mecânica de Figueiró dos Vinhos, L.^{da}
Rua Major Neutel de Abreu (ao Barreiro)
Telefone 57
Porque, além de dispor de instalações modelares e modernos maquinismos, possui pessoal habilitado para todas as reparações.
PNEUS
DUNLOP, FIRESTONE E MICHELIN
Estação de Serviço «VACUUM» Gasolina e Óleos

NICOLA AVELARENSE
Vinhos e Comidas, Refrigerantes e Tabacos.
Barbearia anexa, onde são executados todos os trabalhos com perfeição
CARLOS SANTOS & FILHO
Telefone 43 AVELAR

LINSECTO Extra ou Simplex
LÍQUIDO (Uma embalagem por pulverizador)
contra a:
ALTICA DA VINHA
ESCARAVELHO DA BATATEIRA
e outros insectos prejudiciais

LINSECTO Semente
(Uma embalagem por alqueire)
contra o:
ALFINETE DO MILHO
(Aresta Sainha ou tarbela)

Os insecticidas que os insectos não esperavam!
DEDETOL — FORMICLOR — FOSTOX — MICROTHIOL (cuxolre micronizado)

PRODUZIDOS POR
AGENCIA COMERCIAL DE ANILINAS, L.DA — Ramo Agrícola
106, Galeria de Paris, 112 — PORTO

E VENDIDOS POR
ANÍBAL DA SILVEIRA HERDADE FIGUEIRÓ DOS VINHOS
CARLOS BAPTISTA POMBAL
Solicitem o nosso formulário fitoterapêutico

Vende-se
Casa de habitação, duas terras de rega e pousio com oliveiras, no lugar de Aldeia Fundeira-Campelo.
Tratar com
JOSÉ HENRIQUES
em Aldeia de Ana de Aviz,

Visado pela Comissão de Censura

MATO
Próximo do «pinhal Araújo», vende
J. R. PINHÃO

Jornais
Livros
Revistas

TIPOGRAFIA Minerva Central
OFICINAS GRÁFICAS
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS

António Alves Tomaz Agria
Casa dos muitos artigos
Telefone 15 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Ferragens e drogas, óleos, tintas e vernizes. Louças de esmalte e de alumínio. Camas e colchoaria, lavatórios, malas, mobílias completas e móveis avulso. Vidro em chapa e em obra.

FIBROCIMENTO
Agente depositário da **Cimcanta**

Sempre grande
SORTIDO

- TUBOS E ACESSÓRIOS. DE 40 mm. a 600 mm.
- CHAPAS LISAS E ONDULADAS
- RESERVATÓRIOS

Cerâmica de Figueiró dos Vinhos, L.^{da}
Almofala de Baixo — Figueiró dos Vinhos
Telefone 29/3 (AVELAR)

FABRICAÇÃO ESMERADA
— DE —
Tijolo furado, de várias medidas, prensado e maciço
Telha: Marselha, Lusa e de Canudo
BEIRADOS

PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

«**ATLAS**»
Seguros em todos os ramos e modalidades



Companhia de Seguros
FILIAL EM CABAÇOS
Telefone 34

UMA ORGANIZAÇÃO TÉCNICA AO SERVIÇO DOS SEUS SEGURADOS
Agente em Figueiró dos Vinhos
José da Conceição Santos — Telef. 81

Lusalite
AGENTE E DEPOSITÁRIO

NOSS CONCELHOS DE:
Figueiró dos Vinhos — Pedrógão Grande — Castanheira de Pera e Ansião

«Cimento «LIZ»
Cal Hidráulica «MARTINGANÇA»
Cimento branco «CIBRA»

ANÍBAL SILVEIRA HERDADE
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES
TELEF. 43 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ÓLEOS VEEDOL
Tinta para pintar paredes **MURÁGUA**

Materiais sanitários e seus pertences
Tubo de ferro galvanizado, grés, fibrocimento
Ferro para cimento armado, pregaria, estafe
Gesso - Carbonil - Tintas e vernizes

TELHA - TIJOLO - ADUBOS

Pedrógão Grande FITA DA QUINZENA

Respigando...

POUSADA

A todos os pedroguenses amantes da sua terra e do seu formoso rincão, vem preocupando seriamente o problema turístico, numa das suas modalidades mais interessantes e porventura mais lucrativas.

Queremos referir-nos ao estabelecimento duma «pousada» ou «estalagem», em Pedrógão Grande, cuja falta se começa desde já a sentir e cada vez mais, agora que a época estival se aproxima a passos largos, convidando o turista curioso a devesar este recanto privilegiado do nosso País, incomparável pelas suas belezas alpinas, duma agressividade empolgante, e já, agora, pela grandeza duma obra inconfundível de engenharia moderna — a Barragem — que fica a marcar, através dos séculos, a virilidade dum Povo, e a pujança duma Época — a *Época de Salazar*.

O ideal seria que pudesse aproveitar-se o palacete da família Paiva, ultimamente adquirido, para a instalação da referida «pousada», que, é, de facto, uma vivenda com características próprias e de fácil adaptação ao fim em vista, com muita água, um belo jardim e terra de horta e bosque, enfim com um sem número de requisitos de fácil utilização, que se ajustam, perfeitamente, à exploração da indústria hoteleira.

Mas, se assim não for possível, o que, em verdade, lamentamos, não resistimos à tentação de sugerir aos pedroguenses de arraigados sentimentos bairristas a possibilidade de utilização do sítio da «Cotovia», para a construção dum edifício destinado a «Estalagem».

O local, que ainda há pouco visitámos, é aprazível, vincadamente interessante sob múltiplos aspectos, e está ligado a Pedrógão — ao centro da Vila — pelo curto ramal do «Mirante da Cotovia», a dois passos, pois, da Vila e a dois passos também, da Barragem. E', indiscutivelmente, um ponto turístico dos mais assombrosos — o «Mirante da Cotovia».

Erguendo-se sobranceiro ao Zêzere que corre pressuroso no fundo do vale alcantilado, oferece-nos um panorama dum invulgar ineditismo, que nos sugere e maravilha pelo colorido irisante da sua luz, pela majestade do seu todo, pela grandiosidade da obra da Barragem, em si, que os nossos olhos não se cansam de admirar, pela planura prateada da interminável albufeira, pela elegância das caprichosas curvas descritas pela estrada que dá acesso à Barragem e à «Central», por um sem número de pormenores, que se avolumam à nossa vista desarmada, — quanto mais o fixamos e admiramos.

O turista mais exigente encontraria, ali, no recanto carinhoso duma «Estalagem», modesta — embora, mas acolhedora, um meio deveras salutar para alívio do seu espírito oprimido pelas mil e uma canseiras da vida moderna, e onde, servido por uma cozinha tipicamente portuguesa, veria, sem vislumbre de aborrecimento, decorrer as horas do seu «fim de semana».

*
*
*

Consta-nos que no moderno e elegante Bairro do Cabril, recentemente construído nas escarpas

da margem esquerda do Zêzere para moradia dos funcionários da Empresa Hidro Eléctrica do Zêzere, — vai ser instalada uma «pousada», para o que vão utilizar um dos melhores edifícios, de linhas sóbrias e aliciantes, agora devoluto, introduzindo-lhe as modificações que os técnicos julgarem necessárias.

Mas esta «pousada» não é para servir o público, em geral, mas tão somente para receber os funcionários superiores da Empresa que ali se desloquem, e, porventura, quaisquer convidados.

A montagem desta, pois, dado o fim restrito a que se destina, não pode vir a afectar a que se possa vir a criar nesta Vila. De modo nenhum.

*
*
*

Há, pois, indubitavelmente, uma lacuna a preencher no nosso meio: a criação duma «Pousada». E não nos faltam elementos bons para pôr em execução esta ideia.

Também não faltam os capitais necessários para este fim. Também não faltará o apoio da Câmara Municipal, para aplanar quaisquer dificuldades que surjam.

Por que se espera? O momento é oportuno e não há que hesitar, pois uma hora que se perde representa mais um débito a lançar na conta-corrente do nosso formoso rincão, que bem merece o carinho e o desvelo de todos os seus filhos, quer vivam no seu ninho natal, quer labutem por longas terras — e tantos são! — na ânsia do progresso e de bem-estar.

Não percam tempo, e summa, em insignificâncias, em tiblezas só próprias de espíritos acanhados, abafemos os mal contidos despeitos, unamo-nos numa só vontade, num só querer, numa coesão perfeita, e, com os olhos postos no vital interesse da nossa terra, saibamos aproveitar este conjunto auspicioso de circunstâncias, e caminhemos oantes e confiantes no nosso esforço e no bom êxito da nossa empresa.

Por que se espera? Mãos à obra.

FALECIMENTO

No dia 5 de Março passado, no lugar de *Aldeia das Freiras*, da freguesia de Vila Facaia, faleceu com a propecta idade de 90 anos, o Sr. António Jacinto Nunes, abastado proprietário e exemplar chefe de família.

Exerceu, durante largos anos, o cargo de vogal da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal. O seu funeral foi muito concorrido. À família, e em especial a seu filho e nosso amigo Sr. Domingos Jacinto Nunes, apresentamos condolências. — C.

AGRADECIMENTO

Maria do Carmo Barata

Sua família, penhoradíssima pelas expressivas provas de amizade recebidas por ocasião do falecimento da sua saudosa extinta, vem testemunhar a sua gratidão a todas as pessoas que se interessaram pela marcha da sua doença e a acompanharam na imensa dor que a enlutou.

*Ai Jesus! que é de pasmar
O que se está a passar
Nesta estância de turismo...
O mau cheiro, pestilento,
Posto no ar pelo vento
E' pior que o terrorismo!*

*Os currais, dentro da vila,
São poços onde destila
A mais rara das essências...
Mas o transporte nas ruas
Dos produtos das comuças
E' a mor das indecências!*

*Parece que não devia
Autorizar-se, de dia,
Semelhante operação;
Só de noite, a horas mortas,
E bem trancadas as portas
Se resiste à opressão.*

*De resto a noite é a capa
Que muita gatinha tapa
Nas suas actividades;
A Desportiva que o diga
Com esse roubo da viga,
Feito depois das Trindades!*

*Apesar da intervenção
Detectivesca — perdão —
De todos os dirigentes,
O tal ferro levou asas,
Já foi passado p'las brasas
E feito em pó, entrementes.*

*Como a pó foi reduzido
Esse Corpo, tão luzido,
Dos Bombeiros desta terra...
Figueiró, meu pobre exangue,
Já nem mostras que tens sangue
Dos velhos lobos da serra!*

*Vê se cuidas do teu físico
Porque assim, embora físico,
Obrigas-me ao que não quero;
Caso contrário, perdão,
Mas os pincéis de Malhoa
Não são do*

REPÓRTER ZERO

BAPTIZADO

Em Lisboa, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se ontem o baptismo da Menina Maria Adélia Alves Dinis Ferreira, filhinha muito querida da Sr.^a D. Maria Adélia Lourenço Alves Dinis Ferreira e do nosso querido amigo e ilustre conterrâneo, Sr. Mário Dinis Ferreira, grande e muito considerado comerciante na Capital.

A neófita teve por madrinha a Sr.^a D. Maria Manuela de Carvalho, distinta aluna da Faculdade de Farmácia do Porto e prima de seu pai; e por padrinho seu tio materno, o Sr. António Lourenço Alves Junior.

Finda a cerimónia, que teve o mais luzido brilhantismo e a assistência de grande número de convidados, seguiu-se um lauto e finíssimo «copo-d'água», servido em casa dos pais da pequenina Maria Adélia e que foi pretexto para reunião e confraternização da família.

Foi uma festa encantadora que em todos deixou profundas saudades. Em especial os avós paternos, o nosso querido amigo e conterrâneo, Sr. Francisco Rodrigues Ferreira e esposa, Sr.^a D. Palmira Alves Dinis Ferreira, os maternos, Sr. António Lourenço Alves e esposa, Sr.^a D. Adélia Maria Lourenço Alves, e, escusado será dizer-se, os pais da nova cristã, viveram horas de inesquecível alegria. A ela nos associamos, nos votos que formulamos pelas maiores venturas da «sua menina».

(Para os meus alunos)

A propósito da frase — *cassar a licença*, ou outra semelhante, eu disse ao meu amigo X, que a tal respeito me interpelou, que o verbo — *cassar* — estava bem escrito, pois assim é costume e deve escrever-se no sentido em que ele está tomado naquela expressão; mas não lhe dei a razão disso por o tempo e o lugar da interpelação o não permitirem. Agora, porém, vou esforçar-me por lhe dar nos mais claros termos possíveis. Ela aí vai: — Há, em português, dois verbos, que não têm a mesma grafia, mas têm a mesma pronúncia, e por isto se chamam *homófonos*: *cassar* no sentido de anular e *caçar*, cuja acção (está quieto) agora é defesa.

O primeiro tem por avô o adjectivo latino — *cassus* — que significava — *vazio*, e cujo sentido primitivo se vê, claramente, nas frases latinas — *cassa canna* (passe em português a cacofonia) que significa = *cana oca* —, e *cassa nux* = *noz vazia*, chocha, como diz o povo. Deste adjectivo — *casso* — é que se formou, em latim, *cassare*, que deu em português o tal *cassar*, e que, significando primitivamente — *tornar vazio*, veio, mais tarde, a significar — *anular, tornar sem efeito*.

Mais um caso de Semântica. Existe na nossa língua o adjectivo *casso*, que significa *nulo, cassado*, mas este nenhum parentesco tem com *caçado*, do verbo — *caçar* que provém do verbo latino popular — *captiare*, parente muito próximo de *capio* e do frequentativo — *captare*, cujo significado comum é — *tomar, apanhar*.

Creio que, em face do que aí fica alinhavado, já não haverá dúvidas sobre a ortografia dos dois citados verbos.

SÉRGIO DOS REIS

Associação Desportiva

Dissemos no último número que o nosso estimado amigo, Sr. Gustavo Godet, fizera, recentemente, uma valiosa oferta a esta colectividade figueirense.

Informa-nos a Direcção da «Desportiva» que as camisolas e botas de futebol a que nos referimos foram, de facto, oferecidas por aquele Sr., mas há já cerca de três anos.

As nossas desculpas, pois, pelo engano.

Um conto de vez em quando...

O melhor foliar da Páscoa

por
LOURDES CALDEIRA

Como que associando-se à alegria das almas pela Ressurreição de Jesus, surgiu, de Sol claro e brilhante como oiro, aquele Domingo de Páscoa.

Respondendo ao repicar festivo dos sinos, acorrem os fiéis, em grupos, à branca igreja perfumada de flores. Destacava-se dum grupo a Isabelita, pela graciosidade do seu rosto e dos seus gestos, sobressaindo daquela nuvem branca do seu fresco e rico vestido. Que de feliz ela vai! Rodearam-na de lindos presentes os pais e a madrinha, esta com a mais bela boneca que os seus olhos viram e os seus bracitos embalaram.

Junto à porta da igreja, no seu vestidinho de chita, desbotado pelas frequentes lavagens, uma garotita fê-la quedar-se, obrigando seus pais a parar. Aquela criança, tão franzina, cobria as suas trancas, despretensiosamente presas por um laço amarrotado, com um velho bocado de renda que fora em tempos uma cortina.

A bulhosa Isabelita não pode guardar a sua curiosidade e dirige-se-lhe: *Como te chamas? — Rosita, diz-lhe a pequenita. Vens à missa sôzinha e assim vestida? Não sabes que é hoje dia de festa? É dia de Páscoa! Como avezita assustada, a garota disse-lhe: Venho, menina, mas não diga nada ao meu pai, que ele iria bater-me... Não te assustes, tua mãe não deixaria. Mãe?! Não tenho mãe, menina, vivo apenas com o meu pai, que só vejo de manhã e quando vem jantar, pois chega sempre quando eu já durmo.*

Antes da mãe ter ido para o Céu, dizia sempre que me

havia de baptizar e que a minha madrinha seria Nossa Senhora. Ontem ouvi dizer a umas meninas que hoje era dia de ir visitar as madrinhas e eu, sabe, venho aqui, a correr, visitar Nossa Senhora e pedir-lhe que seja a minha madrinha, mesmo sem me baptizar, porque o pai diz que isso não é preciso para nada.

Isabelita olhava para os pais e para a pobrezinha, alternadamente, numa súplica e numa carícia. Rompendo num choro convulso, salta ao pescoço de sua mãe, dizendo-lhe: *Mãe, mãe, vamos pedir ao pai da Rosa que a baptize, para ela ter, também, uma madrinha!*

*
*
*

Cinco horas da tarde. No baptistério da igreja, distinguem-se do grupo duas belas crianças, junto ao bondoso sacerdote, uma angêlicamente curvada, tocando na outra com a rosa branca que tirara do altar da Virgem que parecia sorrir àquela nova afilhada, a quem as palavras baptismais acabavam de apagar o pecado de Adão e Eva.

Desde esse dia, jamais o pai de Rosa trocou pela taberna a sua casa, onde a filha, depois de cumpridos os seus deveres de pequenina — grande dona de casa —, embalava, embevecida, aquela linda boneca, prenda de Isabel. E era vê-lo, então, de olhar agradecido, contemplando o quadro maravilhoso que lhe parecia mostrar a Virgem Maria a sorrir para aquele anjo que outro anjo lhe dera, no dia belo da Ressurreição de Jesus.